



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6249 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

LUGAR DE RESISTÊNCIAS: A MANIFESTAÇÃO ANTIRRACISTA EM LAGES/SC

Josilaine Antunes Pereira - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Suzane Fanta - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

LUGAR DE RESISTÊNCIAS:

A MANIFESTAÇÃO ANTIRRACISTA EM LAGES/SC

Este estudo de caso tem como objetivo refletir, a partir de observações, a manifestação antirracista na cidade de Lages/Santa Catarina, realizada no dia sete de junho de 2020, no Calçadão da Praça João Costa. Relevante destacar que o local escolhido para a manifestação segue em disputa, de um lado o poder público e a elite econômica, de outro os movimentos sociais e a população periférica. A praça, que remete a fundação de Lages em 1776, e já abrigou o pelourinho, passou por diversas intervenções ao longo dos anos. Destacamos aqui a retirada de uma escola pública, nesta década, que recebia alunos e alunas de diferentes bairros. A praça e o calçadão passaram, recentemente, por uma reestruturação, com objetivo de “modernizar” o centro da cidade, e retirar vendedores/as ambulantes, modificou a forma como as pessoas se relacionam com o espaço. Entretanto, parece-nos, configurar-se como um espaço de resistência.

Descrever o contexto do objeto pesquisado, integra o propósito deste estudo de caso, pois trata-se de uma pesquisa qualitativa. Esse modelo de investigação é amplo, podendo envolver pessoas, comunidades, grupos e movimentos sociais. “[...] O problema principal, então, será identificar um caso significativo para a questão de pesquisa e esclarecer o que mais compete a esse caso e quais abordagens metodológicas são necessárias a sua reconstrução [...] (Flick, 2007).

Nossa observação, por conta da pandemia do coronavírus, que nos colocou em isolamento social, não aconteceu presencialmente, mas por meio das repercussões, mesmo que restritas aos blogs da cidade, de vídeos e fotos de quem esteve no evento. Foram 59 fotos produzidas por dois fotógrafos/as, Dionathan Patrick de Sousa, integrante do movimento negro em Lages, e Nicole Lima, que foram disponibilizadas para esta análise.

Lembremos que o Brasil foi o último país do Continente Americano a abolir a escravidão, em 1888, num processo que não permitiu aos/as alforriados/as as mínimas

condições de vida. No início do século XX a população negra continuou sendo privada e excluída socialmente, sem amparo do Estado, “paradoxalmente o racismo é filho da liberdade” (Schwarcz, 2019). Esta população, constitui-se mais de cinquenta por cento do povo brasileiro, continua sendo o que mais morre, seja pela violência policial, seja pela dificuldade de acessar os direitos, como cidadãos/as, a saúde, moradia, trabalho e renda, violência do Estado, que está cada vez mais presente, dada a ausência de políticas públicas do atual Governo Federal.

Devemos considerar que, o Brasil e também em Lages, *locus* de nossa pesquisa, não resolveram de forma adequada o período pós-abolição. Além dos crimes cometidos com a subjugação da população negra escravizada, este período é constantemente relativizado pelos/as brasileiros/as, especialmente os/as não negros/as. “[...] O que está em jogo não são somente os fatos pretéritos, mas a conformação do futuro democrático do país, da natureza da democracia, da vigência dos direitos humanos de forma integral [...]. (Santos e Chauí, 2014). Nesta disputa de narrativas, faz-se importante destacar que vivemos um período antidemocrático, o governo atual pretende ‘reescrever’ a história do Brasil, aos seus moldes, negando todo o trabalho de pesquisa de historiadores, jornalistas, sociólogos, antropólogos e demais cientistas sociais.

A Constituição da República Brasileira de 1988, consagrou o Estado democrático de direitos colocando os valores da democracia representativa e participativa. Para nossa época, após todas as conquistas sobre direitos humanos fundamentais, ainda que muito longe de sua concretude universal e integral, dificilmente alguém deveria colocar em dúvida a democracia como um valor político inegociável. Um valor político inabalável, até mesmo inquestionável.

Lages traz na sua história a escravidão, o poder político secularmente materializado nas expressões do paternalismo, clientelismo e do coronelismo, muito embora, seja também um espaço de resistência. (PEIXER, 2002; LOCKS, 2016;). Nas décadas de 1970 e 1980 um grupo opositor a política local e ao regime militar (1964-1985), membros do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), manteve-se por dois mandatos no poder municipal. Dirceu Carneiro (1977-1982) implantou o que convencionou-se chamar de “A força do povo” uma experiência de democracia participativa em plena Ditadura. Alves, (1988, p. 121), ao descrever políticas e práticas desta administração, afirmou que “Nada impede, no entanto, que o sonho se multiplique, que o exemplo da tentativa contamine outras regiões, outros municípios”.

O historiador, e pesquisador Flávio Gomes, respondendo a Lilia Schwarcz, no canal da pensadora no youtube, sobre a comoção as mortes em 2020, de João Pedro no Rio de Janeiro em 18 de maio e de George Floyd nos EUA, em 25 de maio, ambos assassinados pelas forças de segurança do Estado, afirmou que sente como se os/as negros/as brasileiros/as estivessem sendo acusados de não promoverem mobilizações como os estadunidenses e aponta: [...] a grande questão é que essas mortes provocaram sim reações nas comunidades e não foram o quê? alvo ou interesse da mídia [...]” Destacou que as mortes no país, são motivos de manifestações nas periferias. “[...] vários eventos como do João Pedro tiveram protestos sim! [...]. Historicamente as comunidades fecham ruas, promovem (manifestações), só que a mídia, o que ela faz? Atribui isso ao crime organizado, a uma manifestação produzida pelo tráfico. [...]”

As manifestações no Brasil, “Vidas Negras Importam”, em inglês, “*Black Lives Matter*”, amplamente divulgadas pelos meios de comunicação e por ativistas e simpatizantes da causa nas redes sociais, tiveram como foco o racismo. Seguem a tendência norte-americana. Aconteceram em diversas capitais brasileiras em junho de 2020. Junto a essas expressões populares, em território brasileiro, houve também, defesa da democracia e contra

o fascismo. Entendemos que um Estado racista, como é o brasileiro, um governo com traços fascistas, como de Jair Bolsonaro (sem partido) não constituem uma democracia.

No dia 7 de junho, jovens negros/as e brancos/as se reuniram para a manifestação em Lages. A Polícia Militar acompanhou, nas fotos é possível ver policiais enfileirados observando o ato. Também constatamos a presença de um policial no alto de um prédio público, como que ‘vigilando’ de cima. Segundo divulgado pelo Comando da PM e replicado nos sites e blogs locais, não houve qualquer tipo de interferência pelos agentes de segurança. Entretanto, convém registrar que a presença deles é simbólica, afinal, a ação das polícias, especialmente a militar, estava sendo questionada por aquelas pessoas.

Os cartazes, placas e faixas, continham frases reflexivas, palavras de ordem e nome de vítimas da violência policial. Destacamos aqui frases exibidas na manifestação: “Lages Anti-Racismo (*sic*)”; “Lages Anti-Fascismo (*sic*)”; “Não consigo respirar”; “Fim do genocídio da juventude negra”; “Fim do Governo Bolsonaro”, “Marcos Vinícius presente na caminhada – Foi blindado – Ele não me viu com roupa da escola?”, “Disque 100. Denuncie violações do Direitos Humanos”; “A história se repete”; “Vermelho no preto é sangue, sangue preto e sangue meu”; “Diga não ao racismo, preconceito e genocídio do meu povo preto!”; “Respeito não tem cor, tem consciência”; “Lute como Marielle”; “Lembre-se: somos muitas, estamos juntas”; “O racismo é a pandemia”; “Quem mandou matar Marielle e Anderson?”; “O povo está na rua porque o Estado está matando dentro de casa”; “Numa sociedade racista não basta não ser racista é necessário ser antirracista”; “Parem de matar pretos”; “Me livro de armas e me armo de livros”; “Quem aceita o mal sem protestar também coopera com ele”; “51% da população brasileira é negra e a outra metade tem o dobro de oportunidades”; “A cadela do fascismo está sempre no cio #facistasnãopassarão”; “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho nos olhos, haverá guerra”; “Douglas Rodrigues”; “Quem vai recolher os mortos?”; “Vidas negras e faveladas importam”; “Dois anos do assassinato de Marielle e Anderson”; “Lucas Custódio, presente!”; “Feministas anti-fascismo (*sic*)”; “Racismo é crime. Chega de fingir que é normal”; “Fim do genocídio da juventude negra”; “Fora Bolsonaro e todo seu governo”; “A história se repete”; “Vidas negras importam”; “Parem de nos matar”; “LGBTQ+ Antifascismo”; “Marielle Presente”.

A presença de integrantes de dois partidos de esquerda fica claro pelas imagens, a Juventude Revolucionária do PT estava com camisetas e bandeira, o Psol foi identificado pelos cartazes com o rosto da vereadora Marielle Franco, assassinada junto do motorista Anderson, em 2018, que contavam a informação: “mulheres do Psol”. Apesar da presença dos partidos políticos, o movimento não foi protagonizado por eles, mas pelos/as jovens e a mensagem que passaram. Em um dos momentos, uma performance, com todos de joelhos com as mãos da cabeça. A foto com a polícia ao fundo, é bastante representativa.

Em suma a história das relações sociais e políticas da sociedade lageana tem sido configurada hegemonicamente pela desigualdade social, por relações de dominação/submissão, autoritarismo, racismo e violência de gênero. O que pretendemos evidenciar nesta reflexão, foi mais um ato de resistência e insurreição antirracista de segmentos subalternizados, agora pela juventude, realizado num contexto político refratário, conservador e reacionário. Por isto o fato não pode ser minimizado. Afinal, este protagonismo juvenil demonstrou que Lages, está conectada com o mundo, a força convocatória das redes sociais, atenção com o que se acontece no país, e mais consciente da necessidade de recusar quaisquer expressões de autoritarismo e afirmar os valores e princípios democráticos em âmbito local, nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestação. Democracia. Vidas Negras Importam. Resistência.

REFERÊNCIA

ALVES, Márcio Moreira. **A Força do Povo**: democracia participativa em Lages. São Paulo: Brasiliense. 1988.

FLICK, Uwe; Kardoff, Ersmut von; Steinke, Ines. (Hrsg.): **Qualitative Forschung. Ein Handbuch. Reinbeck**: Rowohlt, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

LOCKS, Geraldo Augusto. Uma análise antropológica da formação social e do desenvolvimento socioeconômico da Lages e da Serra Catarinense. In: YAMAGUCHY, Cristina Keiko; TURRA, Neide Catarina; STRASSER, Andréia Terezinha Borges. **Visão Contemporânea e Sustentável da Serra Catarinense**. Lages, Ed. Uniplac, 2016.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos**: o processo de constituição do espaço urbano em Lages. Santa Catarina: Ed.UNIPLAC, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAUI, Marilena. **Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Por que João Pedro não nos mobiliza como Geroge Floyd? Apresentação Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, Uzunaki, 5 de junho de 2020. 1 vídeo (18min 29seg). Publicado pelo canal DA LILI. Disponível em; <https://www.youtube.com/watch?v=FT0QsJVWJ3k>. Acesso em: 10 de junho de 2020.